

□ Tempo de leitura: 9 min.

Entre as páginas mais dolorosas e luminosas da história da Igreja durante a Segunda Guerra Mundial, emerge a história de nove sacerdotes salesianos poloneses, liderados pelo padre João (Jan) Świerc, que pagaram com a vida sua fidelidade ao Evangelho. Presos pela Gestapo entre 1941 e 1942, esses pastores e educadores foram deportados para os campos de extermínio de Auschwitz e Dachau, onde encontraram a morte em meio a sofrimentos atrozes. Seu único “crime” foi serem padres católicos que, recusando-se a abandonar o rebanho confiado aos seus cuidados, continuaram a formar os jovens na fé e na cultura polonesa, representando um obstáculo intransponível à doutrinação nazista. A história deles não é apenas a memória de uma perseguição atroz, mas um testemunho vivo de como a fé pode triunfar sobre o mal através do perdão e do sacrifício supremo de si mesmo.

Uma fé sob cerco

A invasão da Polônia pela Alemanha nazista, iniciada em 1º de setembro de 1939, marcou o início de um dos capítulos mais sombrios da história europeia. Nesse contexto de ocupação brutal, é de fundamental importância estratégica compreender a veemente perseguição desencadeada contra a Igreja Católica, que se tornou um alvo primário para a ideologia do Terceiro Reich. A Igreja, com sua influência moral, sua rica cultura e sua fidelidade a uma autoridade espiritual que transcendia o Estado, representava um obstáculo intolerável ao projeto totalitário nazista. Sua destruição sistemática foi, portanto, um objetivo não secundário, mas central, na estratégia de subjugação do povo polonês.

Nesse cenário trágico, a história dos nove Servos de Deus salesianos, liderados pelo mais velho, P. João Świerc, emerge como um exemplo emblemático dessa perseguição. Esses homens, religiosos engajados exclusivamente em atividades pastorais e educativas, totalmente alheios às tensões políticas da época, foram presos, torturados e, por fim, mortos. Seu único “crime” foi serem sacerdotes católicos fiéis à própria vocação. A história deles não é uma nota de rodapé da história, mas uma janela para a própria essência do ódio anticristão que animava o nazismo.

Trata-se de recordar seu sacrifício, seu extraordinário testemunho de fé inabalável diante do mal absoluto e refletir sobre o significado perene de seu martírio. A história deles nos força a olhar para além do horror da violência para vislumbrar a luz de uma esperança que não se apaga, nem mesmo nas trevas mais densas. Compreender o contexto específico em que esses pastores-educadores atuaram e

foram presos é o primeiro passo para captar a plenitude de seu testemunho.

Pastores, não políticos

A decisão da Gestapo de visar especificamente este grupo de sacerdotes salesianos revela uma profunda contradição que está no cerne da perseguição nazista. Esses homens eram educadores e pastores, dedicados ao cuidado das almas e à formação dos jovens segundo o carisma de São João Bosco. O mundo deles era o do oratório, da paróquia e da sala de aula, não o das conspirações políticas. No entanto, as acusações feitas contra eles foram construídas para pintá-los como inimigos do Estado.

As acusações oficiais, registradas após interrogatórios sumários, falavam de “participação em organizações clandestinas” e, acusação ainda mais grave, de “promover entre os jovens, explorando a influência decorrente de seu sacerdócio, a cultura nacional em detrimento da Alemanha nazista”. Essas acusações, embora infundadas no plano factual, eram estrategicamente astutas. Elas revelam o verdadeiro temor do regime: não tanto uma oposição armada, mas a influência moral e cultural da Igreja. Os nazistas compreenderam perfeitamente que ensinar aos jovens sua própria história, sua própria língua e sua própria fé equivalia a erguer uma barreira intransponível contra a doutrinação totalitária. A fidelidade deles ao Evangelho e à cultura polonesa era, aos olhos da Gestapo, um ato de subversão.

Diante do perigo iminente, familiares e amigos os haviam prudentemente aconselhado a deixar o país. A escolha consciente de permanecer ao lado dos fiéis e dos jovens representa o primeiro e silencioso ato de seu martírio. Essa decisão não foi um gesto de imprudência, mas de suprema fidelidade ao seu ministério e ao carisma salesiano, que exige estar com os jovens, especialmente no momento da necessidade. Ao permanecerem, eles afirmaram que seu lugar era o do pastor que não abandona o rebanho com a chegada do lobo. Para compreender o alcance deste sacrifício coletivo, é essencial conhecer as vidas individuais que o compuseram.

Perfis dos nove Servos de Deus

Para captar a plena dimensão teológica e histórica de seu sacrifício, é essencial deter-se nas histórias individuais que convergiram para um único e trágico destino. No estudo do martirológico, a análise do martírio coletivo só se compreende plenamente através dos percursos únicos de virtude e serviço que definiram cada indivíduo antes da prova final. Embora compartilhando a mesma vocação e o mesmo destino, cada vida representa um testemunho irrepetível de

dedicação a Deus, que a perseguição nazista quis aniquilar de forma sistemática. Estes breves perfis nos devolvem o rosto humano de homens que, por trás do anonimato dos números dos campos de extermínio, conservaram sua identidade de pastores-educadores dos jovens e do povo de Deus.

– **João (Jan) Świerc.** Nascido em Królewska em 29 de abril de 1877, completou sua formação salesiana na Itália, sendo ordenado sacerdote em Turim em 1903. De volta à Polônia, dirigiu diversas Casas salesianas e foi um pregador apreciado. A partir de 1938, foi diretor e pároco em Cracóvia. Preso pela Gestapo em 23 de maio de 1941, foi torturado na prisão de Montelupich antes de ser transferido para Auschwitz em 26 de junho de 1941, onde foi morto no dia seguinte.

– **Inácio (Ignacy) Antonowicz.** Nascido em Więśławice em 14 de julho de 1890, foi ordenado sacerdote em Roma em 1916. Foi professor de teologia, capelão militar durante a Primeira Guerra Mundial e, no momento da prisão, diretor do estudantado teológico de Cracóvia. Preso em 23 de maio de 1941 e levado para Auschwitz, morreu em 21 de julho de 1941 em decorrência dos graves maus-tratos sofridos.

– **Inácio (Ignacy) Dobiasz.** Nascido em Ciochowice em 14 de janeiro de 1880, formou-se na Itália e foi ordenado em 1908. Exerceu seu ministério em diversas localidades da Polônia antes de se tornar colaborador paroquial em Cracóvia em 1931. Preso em 23 de maio de 1941 e deportado para Auschwitz, morreu em 27 de junho de 1941 por esgotamento e espancamentos.

– **Carlos (Karol) Golda.** Nascido em Tychy em 23 de dezembro de 1914, foi ordenado sacerdote em Roma em 1938. Retornando ao seu país para lecionar teologia no estudantado de Auschwitz, foi preso pela Gestapo em 31 de dezembro de 1941. Deportado para Auschwitz em fevereiro de 1942, foi fuzilado em 14 de maio do mesmo ano.

– **Francisco (Franciszek) Harazim.** Nascido em Osiny em 22 de agosto de 1885, foi ordenado sacerdote em Ivrea em 1915. Lecionou em várias escolas salesianas e no Seminário Maior de Cracóvia. Preso em 23 de maio de 1941, foi encarcerado em Montelupich e depois deportado para Auschwitz, onde morreu por espancamentos e maus-tratos em 27 de junho de 1941.

– **Luís (Ludwik) Mroczek.** Nascido em Kęty em 11 de agosto de 1905, foi ordenado sacerdote na Polônia em 1933. Prestou seu trabalho pastoral em diversas localidades. Preso em 22 de maio de 1941, passou da prisão de Montelupich para Auschwitz, onde morreu em 5 de janeiro de 1942.

– **Vladimir (Włodzimierz) Szembek.** Nascido em uma família nobre em Poręba Żegoty em 22 de abril de 1883, formou-se em engenharia antes de ingressar nos salesianos. Ordenado sacerdote em Cracóvia em 1934, tornou-se secretário da

inspetoria. Preso em 9 de julho de 1942, foi encarcerado em Nowy Targ e depois levado para Auschwitz, onde morreu em 7 de setembro de 1942.

– **Casimiro (Kazimierz) Wojciechowski.** Nascido em Jasło em 16 de agosto de 1904, foi ordenado sacerdote em Cracóvia em 1935. Exerceu atividade pastoral em Daszawa e Cracóvia, onde foi preso em 23 de maio de 1941. Deportado para Auschwitz, foi morto em 27 de junho de 1941.

– **Francisco (Franciszek) Miśka.** Nascido em Swierczyniek em 5 de dezembro de 1898, foi ordenado sacerdote em Turim em 1927. Pertencente à Inspetoria Salesiana “Santo Adalberto” da Polônia-Piła, trabalhou em vários institutos e paróquias, até ser encarregado da gestão do instituto de Łąd. Preso e transferido para diversos campos, foi deportado para Dachau em 30 de outubro de 1941, onde morreu em 30 de maio de 1942.

Suas vidas, diversas em origem e idade, convergiram na experiência coletiva e desumana dos campos de concentração, um calvário que pôs à prova sua fé até o sacrifício extremo.

O Calvário de Auschwitz e Dachau

Para captar a excepcional força espiritual desses sacerdotes, é necessário mergulhar, tanto quanto possível, na realidade brutal e desumanizante dos campos de concentração de Auschwitz e Dachau. Não se tratava simplesmente de locais de aprisionamento, mas de um sistema cientificamente organizado para aniquilar a identidade humana antes mesmo do corpo. Ao chegarem, os prisioneiros eram privados de seus nomes, reduzidos a um número. Nossos sacerdotes foram obrigados a vestir “os trapos ensanguentados” das vítimas que os precederam, uma macabra boas-vindas a um inferno onde a morte era a norma. O próprio ar estava impregnado de horror, com as “fumaças nauseabundas dos cadáveres queimados que subiam da chaminé do crematório”. Cada dia era uma luta pela sobrevivência contra o trabalho desumano, a fome, os espancamentos e a violência arbitrária das SS.

Nesse cenário apocalíptico, o fim deles era uma morte anunciada. O dia 27 de junho de 1941 tornou-se um dia de particular ferocidade em Auschwitz. Pela manhã, o P. João Świerc e o P. Inácio Dobiasz foram mortos. À tarde, a mesma sorte coube ao P. Francisco Harazim e ao P. Casimiro Wojciechowski, que sofreram o martírio “um ao lado do outro”, num último gesto de comunhão fraterna. O P. Inácio Antonowicz morreu poucas semanas depois, em 21 de julho, devido aos maus-tratos sofridos naquele trágico dia 27 de junho. As mortes se sucederam nos meses seguintes: o P. Luís Mroczek pereceu em 5 de janeiro de 1942 devido às torturas sofridas e às numerosas cirurgias; o P. Carlos Golda foi fuzilado em 14 de maio de 1942, acusado

de ter administrado o sacramento da confissão a dois soldados alemães; o P. Vladimir Szembek morreu por maus-tratos em 7 de setembro de 1942. Longe deles, no campo de Dachau, o P. Francisco Miśka sucumbia a torturas e maus-tratos em 30 de maio de 1942.

Este relato de sofrimentos atrozes, no entanto, não representa o fim de sua história. É, pelo contrário, o prelúdio para compreender o significado mais profundo de seu sacrifício, um significado que transcende a violência e a morte.

“Uma Semente de Vitória”

Interpretar o martírio unicamente como uma derrota ou uma trágica fatalidade significaria trair seu sentido mais profundo. Na perspectiva cristã, o martírio não é o fim, mas o ápice de uma vida virtuosa; não é a vitória do mal, mas um poderoso testemunho de fé que participa de modo extraordinário da Cruz de Cristo. João Świerc e seus companheiros testemunham que, justamente quando a morte parece ter triunfado, os verdadeiros vencedores são aqueles que, sofrendo por causa do Evangelho, aderem plenamente ao desígnio salvífico de Deus.

A grandeza espiritual deles resplandece na maneira como enfrentaram o abismo do mal. Apesar de todo tipo de abuso, eles conservaram a fé, abandonaram-se ao Senhor e, milagrosamente, não demonstraram rancor para com seus algozes. Pelo contrário, as fontes atestam que em alguns casos foram pronunciadas palavras de perdão. Essa atitude não é fruto de uma força humana heroica, mas de uma graça divina que sustenta suas testemunhas no momento da provação. Como lembrou o Papa Francisco, esta é a dinâmica da fé: “o Senhor dá a força, sempre, não nos deixa faltar. O Senhor não nos prova além do que podemos tolerar. Ele está sempre conosco”. É por isso que os nove Servos de Deus puderam acolher o martírio sustentados pela mesma certeza com que o apóstolo Paulo escreveu: “tudo posso naquele que me fortalece” (Cf. Fl 4,13).

Essa perspectiva transforma radicalmente a leitura de seu sacrifício. Como observou profeticamente o então Cardeal Carlos (Karol) Wojtyła em uma homilia de 1972, o sangue deles não foi derramado em vão, mas tornou-se fonte de vida para a Igreja e para o povo a quem haviam dedicado a existência: “Este sacrifício foi uma semente de vida, uma semente de vitória [...]. Aqueles pastores [...] pela vida cristã de cada paroquiano e especialmente pelos jovens paroquianos [...] pagavam não apenas com uma boa palavra, não apenas com o bom exemplo de sua vida generosa, mas também com o sacrifício e o sangue do martírio”.

A morte deles deixa de ser um simples ato de violência sofrida para se tornar um ato supremo de amor, uma oferta total de si e um supremo testemunho de fidelidade ao Evangelho. É esta a semente de vitória que continua a germinar,

deixando um legado que ainda hoje interpela a nossa consciência.

Um legado de Fé que interpela o presente

A história de João Świerc e de seus oito companheiros salesianos é muito mais do que um trágico episódio da Segunda Guerra Mundial. É um luminoso e perene exemplo de coragem moral e de coerência cristã diante da encarnação do mal absoluto. Em uma época em que a dignidade humana era sistematicamente pisoteada, eles afirmaram com a vida, e por fim com a morte, o primado inabalável da fé, da caridade e do perdão. A fidelidade deles à vocação de pastores e educadores, mesmo ao custo da vida, representa a mais alta expressão do carisma salesiano.

O legado duradouro de seu martírio reside precisamente neste testemunho radical. Em um mundo ainda marcado pela violência, pelo ódio e pela indiferença, a capacidade deles de oferecer o perdão e de manter viva a esperança nas trevas de Auschwitz e Dachau permanece uma mensagem avassaladora. Eles nos ensinam que a verdadeira força não reside na violência que oprime, mas na fé que resiste e no amor que perdoa. O sacrifício deles nos interpela sobre a qualidade da nossa fé e sobre a nossa disposição para testemunhar o Evangelho sem concessões. Somos chamados não apenas a um ato de memória histórica, mas a um renovado compromisso espiritual. O sacrifício desses nove Servos de Deus continua a ser uma “semente de vitória”, uma advertência contra toda ideologia totalitária e uma inspiração para todos aqueles que acreditam no poder redentor do amor e na vitória final de Cristo sobre a morte e o mal.